

1

Introdução

1.1

O problema

Muitas são as críticas atualmente dirigidas aos manuais e livros didáticos de português (doravante, [LDPs]). Conforme observa L. A. Marcuschi (2001:48), “é sabido que o manual de língua portuguesa usado hoje, seja no ensino fundamental ou no médio, de um modo geral não satisfaz”. Entre as razões para esse estado de coisas, o autor destaca duas: o fato de estarem em descompasso com as necessidades de nossa época e o fato de não incorporarem conhecimentos teóricos acerca da linguagem hoje disponíveis. Marcuschi observa, no entanto, que embora “sejam muitas e minuciosas” as análises que se dedicam a comprovar estes fatos, ainda não colhemos “os frutos esperados”. Os livros didáticos continuam, nas palavras do autor, “enfadonhos pela monotonia e pela mesmice, sendo todos muito parecidos”.

São hipóteses de Marcuschi a esse respeito:

- a) “A concepção de linguagem subjacente (mas raramente explicitada) nas atividades voltadas para compreensão e interpretação de textos nos [LDPs] contribui para a natureza formulaico-receituária que tomou conta desses manuais”.
- b) A concepção subjacente identificada nas atividades de interpretação propostas nos [LDPs] é, de uma maneira geral, a seguinte: “a língua é tomada como instrumento de comunicação não problemático e capaz de funcionar com transparência e homogeneidade [...]. É clara, uniforme, desvinculada dos usuários, descolada da realidade, semanticamente autônoma e a-histórica. Uma espécie de ser autônomo, desencarnado”.

Segundo a Teoria Cognitiva da Metáfora (Lakoff & Johnson, 2002 [1980]), nossas escolhas lingüísticas (vocabulares etc.) oferecem pistas acerca de nossas

“concepções subjacentes” da natureza, das instituições, de nós mesmos – e da própria linguagem. Elas indicam as metáforas conceptuais tácitas de que nos valem para dar sentido às nossas experiências.

Segundo o trabalho clássico de Reddy (2000 [1979]), a metáfora ocidental mais pródiga para a linguagem é a “metáfora do conduto”, que está, como veremos, em sintonia com a concepção subjacente sugerida nas atividades de interpretação e compreensão (doravante [AICs]), conforme hipótese de Marcuschi, anteriormente disposta.

Perguntas relevantes diante das hipóteses de Marcuschi e da Teoria Cognitiva da Metáfora seriam, portanto: quais as metáforas para interpretação e compreensão¹ de textos presentes nas [AICs] dos [LDPs] analisados? elas confirmam a hipótese de Marcuschi? reproduzem sempre a metáfora do conduto?

Para o trabalho com compreensão e interpretação de textos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) recomendam um viés pragmático, bastante distinto daquele implicado na metáfora do conduto. Sensíveis a essa orientação, os autores dos [LDPs] indicam com frequência, em seus prefácios, aderirem em alguma medida a ela. Levando isso em conta, é relevante ainda perguntar: estão as perspectivas anunciadas nos prefácios em sintonia com aquela subjacente às atividades propostas nos [LDPs]?

1.2

Objetivos

Esta pesquisa objetiva identificar e analisar criticamente as metáforas para interpretação e compreensão de textos presentes em um conjunto de [LDPs] largamente utilizados nas redes de ensino no Brasil, verificando se: i) aquelas presentes nos prefácios e nas [AICs] confirmam a hipótese (b) de Marcuschi; e ii) se há, entre os prefácios e as [AICs], convergência ou divergência no que tange às concepções de linguagem subjacentes em cada caso

Visa este trabalho promover uma revisão dessas [AICs] presentes nos livros didáticos de português. Além disso, entendemos ser potencialmente útil aos

¹Os termos “interpretação” e “compreensão” foram aqui tomados estritamente em função de serem esses os sintagmas utilizados pelos autores nas [AICs].

professores de português de uma forma geral, enquanto mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

1.3

Pressupostos teóricos e metodologia

Este trabalho foi construído a partir dos pressupostos contidos na Teoria da Metáfora Conceptual, calcando-se sobretudo no trabalho já clássico de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), assim como no trabalho não menos clássico de Reddy (2000 [1979]), intitulado a “Metáfora do Conduto”.

A partir desse quadro teórico, optamos por analisar manuais do ensino fundamental, referentes as quatro séries (5^a, 6^a, 7^a e 8^a). A escolha das obras foi aleatória, tendo sido selecionadas algumas das que fazem parte do [Programa Nacional do Livro Didático] – PNLD, gerido pelo Ministério da Educação. Buscamos uma amostra do que é de fato utilizado em sala de aula por professores e alunos de língua portuguesa. Analisamos 16 manuais de 4 coleções diferentes, dos quais quatro de cada série, referentes ao livro do professor.

O método de pesquisa foi utilizado numa abordagem qualitativa², por meio da qual buscamos dar um tratamento interpretativo aos dados descritos e analisados, sem configurar mapeamentos estatísticos afeitos às análises quantitativas. Essa etapa se deu a partir dos seguintes procedimentos:

1. levantamento em [LDPs] de um *corpus* com os prefácios dos livros e outro com as [AICs];
2. identificação nesses dois *corpora* de todos os casos de emprego metafórico;
3. classificação e análise das metáforas encontradas, de acordo com a teoria de Lakoff e Johnson (2002 [1980]);
4. cotejo dos resultados da análise das [AICs] com aqueles alcançados na análise dos prefácios, com vistas à identificação de sua compatibilidade e/ou divergência.

²Conforme Allwright & Bailey (1991); Guba & Lincoln (1994).

1.4

Estrutura do Trabalho

Nosso trabalho se estrutura da seguinte forma:

O capítulo 2 traz uma explicitação de nossos pressupostos teóricos, dividindo-se em duas subseções. Dedicam-se estas, respectivamente, a uma exposição da Teoria da Metáfora Conceptual que dá suporte à nossa análise, e a uma exposição de reflexões teóricas relevantes para esta pesquisa sobre texto e leitura, com foco na questão dos [LDPs].

O capítulo 3 dedica-se à análise dos prefácios e das [AICs]. No que tange à análise dos prefácios, detivemo-nos em dois aspectos: (a) identificação e análise das metáforas que ali concorrem para caracterizar as noções de *leitura*, *texto* e *sentido*, centrais no campo que nos concerne aqui, o da compreensão e interpretação de textos; e (b) identificação e análise das indicações mais diretas que os autores fornecem quanto ao tipo de abordagem da linguagem e do sentido que reivindicam para os próprios livros. Na análise das metáforas, valemo-nos da tipologia de Lakoff e Johnson (2002[1980]), que permite classificar as metáforas em orientacionais, ontológicas ou estruturais. A análise das [AICs] se deu a partir da identificação e análise das metáforas para *texto*, *sentido* e *leitura*, de acordo com a tipologia de Lakoff e Johnson (ibidem), usada na análise dos prefácios.

Concluída essa etapa, partimos, no capítulo 4, para um cotejo da análise dos prefácios com a análise das [AICs]. Visamos verificar a simetria entre as concepções de linguagem presentes nessas duas partes analisadas.

Seguiu-se então o capítulo da conclusão. Nele, buscamos responder as perguntas iniciais a que se propôs este trabalho. Não pretendemos esgotar a discussão a esse respeito, mas promover uma reflexão crítica sobre o fenômeno observado.

A análise aqui empreendida é favorável às hipóteses de que partiu e indica haver algum descompasso entre a concepção de linguagem sugerida ou reivindicada nos prefácios e aquela subjacente às atividades efetivamente propostas nas [AICs].